



QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR ALTERNATIVA¹

COSTA, Alan Ricardo²

Resumo

Este relato de experiência tem por finalidade apresentar, justificar e discutir a realização de dois seminários de debate de questões de gênero e sexualidade por parte do Pré-Vestibular Popular Alternativa, em parceria com o Coletivo Voe, no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, no ano de 2013.

Palavras-chave: Diversidade sexual; Pré-Vestibular Popular Alternativa; Coletivo Voe.

Considerações iniciais

Levantamento realizado com base nos questionários socioeconômicos do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) revela que a homofobia cresceu 150% nas escolas brasileiras, de 2004 a 2008, conforme matéria do Guia do Estudante³. Já em 2009, a pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas⁴, com amostra nacional de 18,5 mil alunos, pais e mães, diretores, professores e funcionários, revelou que 87,3% dos entrevistados têm preconceito com relação à orientação sexual. Nos últimos anos, desde as supracitadas pesquisas, o panorama social brasileiro aparenta

¹ Agradeço pela leitura atenta e pelas contribuições valiosas de: (1) Felipe Rios Pereira, educador no Pré-Vestibular Popular Alternativa e graduado em História - licenciatura e bacharelado, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), (2) Anderson Proença de Andrade, educador no Pré-Vestibular Popular Alternativa e acadêmico do curso de licenciatura em Letras - Português e literaturas de língua portuguesa, do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), e (3) Marcelo Artur Rauber, membro do Coletivo Voe e graduado em Engenharia Florestal, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

² Acadêmico do curso de licenciatura em Letras – Espanhol e literaturas de língua espanhola, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: alan.dan.ricardo@gmail.com.

³ Publicação da Editora Abril, em versão impressa e/ou online. Matéria disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/vestibular-enem/pesquisa-revela-homofobia-cresceu-150-escolas-brasileiras-631544.shtml> >. Acesso em dezembro de 2013.

⁴ Órgão de apoio institucional ao Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP). Mais informações em: <http://www.fea.usp.br/noticias.php?i=268> > e <http://www.apaebrasil.org.br/noticia.phtml/23351> >.



ainda tender drasticamente ao desconhecimento teórico e prático das questões de gênero e sexualidade no âmbito escolar. Corroboram tal posicionamento estudos recentes que evidenciam, por exemplo, a negligência de determinados livros didáticos distribuídos nas escolas públicas brasileiras em abordar a diversidade sexual (VIANNA e RAMIRES, 2008; RÉ, QUARTIERO e ROSO, 2012).

Especificamente no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, a situação aparenta demonstrar os mesmos ‘sintomas’ de ignorância e homofobia⁵ do restante do país. Investigação realizada em escolas estaduais do município (BORGES *et. al.* 2011) sinaliza uma despreocupação formal das questões de sexualidade nas escolas por parte de docentes, além de uma omissão em agir frente a casos de homofobia direta ou indireta em sala de aula.

Nesse viés, programas de políticas públicas como “Escola Sem Homofobia⁶” surgem com o intento de romper a homofobia no ambiente escolar, rivalizando ferrenhamente com a ignorância, oriunda de padrões arcaicos heteronormativos pré-estabelecidos, que ainda impera. O mesmo ocorre com outros programas e projetos de caráter educacional que, por iniciativa própria, e muitas vezes sem apoios formais, visam também dissipar o desconhecimento quanto à temática sexualidade e gênero na relação educador-educando. Este é o caso do projeto Pré-Vestibular Popular Alternativa (doravante PVP Alternativa), ação extensionista na forma de curso pré-vestibular popular.

O PVP Alternativa é um projeto⁷ destinado ao preparo de aspirantes ao Ensino Superior através da atuação de acadêmicos de graduação e pós-graduação de diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e outras instituições de ensino superior. Tais acadêmicos/educadores ministram e mediam aulas para estudantes/educandos do ensino médio⁸ de Santa Maria e região. O referido projeto tem como meta principal a seleção de sujeitos socioeconomicamente desprovidos de

⁵ O termo *homofobia* está contemplando aqui também a transfobia, a lesbofobia e demais discriminações de ordem de expressão de gênero e orientação sexual.

⁶ Ver, por exemplo, Borges *et. al.* (2011). Mais informações sobre o projeto em <http://www.ecos.org.br/projetos/esh/PARECER_ProjetoEscolaSemHomofobia.pdf>.

⁷ Mais informações em <www.ufsm.br/alternativa>.

⁸ Na maioria dos casos, mas é notável o aumento do número de estudantes que já concluíram o ensino médio anos antes e retornaram aos estudos após um hiato considerável de tempo.



condições de financiar um curso pré-vestibular comercial. O projeto defende a perspectiva da educação popular (FREIRE, 1987) e almeja uma contínua formação de cidadania e consciência crítica. A partir deste almejo, muitas iniciativas do PVP Alternativa e do Coletivo Voe se entrecruzaram no início do ano de 2013 e, desde então, os grupos seguem em diálogo.

O Coletivo Voe⁹, fundado em 2011 a partir da demanda de organização política em torno da temática Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (LGBTT), visa estabelecer-se enquanto grupo de discussão sobre gênero e sexualidade e de combate ao machismo e à homofobia. O Voe propõe-se a buscar a valorização da diversidade sexual, através de debates, ciclos de cinema, atos pela visibilidade LGBTT, entre outros meios.

Tendo em vista as considerações precedentes, ao longo do ano de 2013, por parte do PVP Alternativa e do Coletivo Voe, foram desenvolvidas atividades de discussão e problematização de questões de gênero e identidade sexual. Destarte, foi elaborado o presente relato de experiência, cujo objetivo é apresentar o desenvolvimento das atividades, a metodologia, a justificativa da ação, a avaliação e o impacto das atividades na perspectiva de educadores e educandos do PVP Alternativa.

Metodologia utilizada

As experiências relatadas são oriundas de duas atividades específicas: dois seminários de formação e debate sobre a temática em questão, sendo o primeiro voltado aos educadores, na forma de uma roda de debate, realizado no auditório do Prédio de Apoio Didático e Comunitário da UFSM¹⁰, em abril de 2013, e o segundo voltado aos educandos, realizado no auditório do prédio da Antiga Reitoria da UFSM¹¹, em agosto do mesmo ano. O foco de ambas as atividades radicava na tentativa de ampliação do entendimento da sexualidade de cada indivíduo. Em outras palavras, as atividades de formação buscavam expor a complexidade da sexualidade, que necessita minimamente

⁹ Para maiores informações, visite o blog do Coletivo Voe, disponível em <<http://coletivovoe.blogspot.com.br/>>.

¹⁰ Local onde ocorrem as aulas do curso. Endereço: Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1750, centro da cidade.

¹¹ Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1184, centro da cidade.



considerar o sexo biológico, a orientação sexual e a identidade de gênero de cada sujeito, com vistas a não cair no reducionismo retrógrado que culmina em generalizações antiquadas, inadequadas e insatisfatórias em contemplar a diversidade sexual e de gênero contemporânea.

O material utilizado nos encontros foi uma cartilha desenvolvida pelo próprio Coletivo Voe, com base em pesquisas de cunho teórico e materiais diversos, e apresenta conceitos como “Sexo biológico”, “Orientação sexual” e “Expressão de gênero”, além de explicações mais aprofundadas sobre machismo e homofobia. Também estão contempladas no material questões legais inerentes ao tema – como adoção homoparental e PL122¹² – e dados estatísticos de violência homofóbica no país, etc. A cartilha visa escapar do lugar-comum que remete, basicamente, ao modelo médico-biologicista de discussão da sexualidade (MORGAGE *et. al.*, 2011; BORGES, *et. al.*, 2011), para fins de levar o tema a um nível social mais amplo.

Justificativa da ação e avaliação

A justificativa para as ações desenvolvidas em parceria pelo PVP Alternativa e o Coletivo Voe perpassa dois âmbitos de educação: o ensino superior e o ensino médio.

No que concerne ao ensino superior, vale resgatar pesquisa de Dinis e Cavalcanti (2008), que aponta para uma suposta aceitação das diferenças sexuais e de gênero. Contudo, uma análise mais minuciosa aponta para o uso de um discurso “politicamente correto” por parte da maioria dos sujeitos, um discurso em que ainda está entranhado um referencial religioso, sexista e/ou assistencialista, onde reina a máxima “Não sou preconceituoso(a), respeito, mas não concordo com o homossexualismo¹³” (DINIS e CAVALCANTI, 2008). É digno de nota que os educadores do PVP Alternativa são acadêmicos de ensino superior, e estão à mercê dessa ignorância informal quanto às questões de gênero, dessa homofobia velada que camufla um discurso ‘lapidado’ mas sem mudanças expressivas das concepções binaristas e excludentes sobre identidades sexuais e de gênero.

¹² Projeto de Lei da Câmara 122 de 2006, ou, no Senado, PLC 122/2006.

¹³ O termo “Homossexualismo”, aqui, está sendo usado propositalmente.



No que tange ao ensino médio, além das estatísticas já apresentadas que ilustram a homofobia ainda prevalecente nas escolas, vale apontar as discussões de Morgade *et. al.* (2011, p.53): “el silencio sistemático de la escuela constituye el discurso ausente del deseo”. Com base em Fine (1999), o discurso do desejo que trata da própria experiência, em suas dimensões positivas e negativas, e da experimentação da vida sexual como uma fonte de felicidade, permanece silenciado¹⁴. Logo, a presença (quando reduzida a mero viés biológico e, por vezes, religioso) ou a ausência da sexualidade no ensino médio alimentam uma visão empobrecida e estereotipada da experiência sexual humana, apresentada “de fora” da experiência juvenil e docente (MORGADÉ *et. al.*, 2011). É importante destacar que os educandos do PVP Alternativa, em grande parte, são ainda estudantes de ensino médio. E, soma-se a essa situação, o crescimento, no projeto, do número de estudantes assumidamente divergentes do padrão heteronormativo de orientação sexual e identidade de gênero. Tal crescimento implica, sob o prisma da educação popular, na responsabilidade de buscar compreender a realidade desse aluno e defender o espaço do mesmo na sociedade. Essa defesa parte da aceitação de que a propulsão de uma utopia não se estimula sozinho ou na inércia. Trata-se, de acordo com Michel Maffesoli (2004), de projetar o sujeito para um corpo social, para uma ambiência em que a homossocialidade – entendida como uma cultura do sentimento e de sinergias orgiásticas/dionisíacas, na qual a festa, o esporte, a moda, o cuidado com o corpo, o fisiculturismo, o rolê etc., aproximam e homogeneízam os sujeitos e suas identificações. E pouco importa, sejam heterossexuais, homossexuais ou bissexuais: todos entram em uma estilização, em uma iluminada teia de sentidos e experiências, de corpo e desejos libertos dos tabus da modernidade. Tempos de corpos em pavoneio, em contato, em que o vital é o “colocar em relação” e andar em gregarismo, em prol de uma diversidade. Ou melhor, de uma homossocialidade, é claro, ainda pouco perceptível nas instituições sociais, mas fértil, fermentando seu húmus na penumbra, na marginalidade, nas frinchas convencionais.

¹⁴ “Un discurso genuino del deseo invitaría a las y los adolescentes a examinar lo que se siente bien o mal, deseable e indeseable, basándose en experiencias, necesidades y límites” (FINNE, 1999, p.6).



A avaliação realizada pelos participantes das atividades deu-se de maneira informal, sem caráter quantitativo. A mudança de postura dos sujeitos envolvidos pode ser percebida nos discursos de educadores e educandos participantes das atividades.

Lições aprendidas, pensamentos e questões pertinentes

Possivelmente, a principal lição aprendida é a de não enquadrar a sexualidade e a identidade de gênero de cada indivíduo em um viés reducionista. Sobretudo para os educandos, que escutavam pela primeira vez e aprendiam sobre conceitos como “transfobia”, “desejo afetivo-erótico” e outros, a expansão do entendimento sobre o tema é a grande aprendizagem das atividades.

Ainda enfocando o educando, também é digno de nota que, após o seminário de formação, foi possível vislumbrar ocasiões em que mais de um estudante admitiu sentir o PVP Alternativa como espaço de maior pluralidade sexual e de gênero, e conseqüentemente um local onde ele próprio se sentia mais à vontade para expressar sua identidade de gênero. O contraste com a(s) escola(s), freqüentada(s) pela maioria dos alunos, também foi percebido de formas variadas. Um dos educandos, atuante no magistério e assumidamente homossexual, relatou seu caso: seus alunos teriam questionado-o sobre seu status de relacionamento, se estaria namorando, ao que ele respondeu que “sim”. Dias depois, os mesmos alunos questionaram-no sobre sua namorada, ao que o educando, na condição de docente, não soube responder, pois se relacionava no momento com um namorado. Ao procurar a direção da escola, foi aconselhado a responder aos alunos, em uma próxima ocasião, que tinha uma namorada (do sexo feminino). Inclusive também foi indicado que ele caracterizasse bem a personagem fictícia, atribuindo a ela um nome (a sugestão foi do nome “Ana”), uma ocupação (estudante), etc. A direção terminou ainda por explicar que demais informações, que de alguma maneira deixasse transparecer a sexualidade e a identidade de gênero do docente, deveriam ser categoricamente omitidas. A julgar pelo exposto, soa bastante natural (e lógico) que os educandos sintam-se mais à vontade e não oprimidos em um ambiente como o PVP Alternativa, onde há um número expressivo de



educadores bissexuais e homossexuais, e onde demonstrações públicas de homoafetividade não são atípicas.

Concernente ao grupo de educadores e as lições aprendidas, vale ressaltar o cuidado que cada um toma para si, a partir do seminário, de usar uma linguagem mais inclusiva quanto às questões de gênero. Como ilustra o exemplo do próprio Coletivo Voe, em uma aula hipotética sobre constituição de família, proferir a frase “Pois quando as mulheres tiverem seus maridos...” é o tipo de discurso que, voluntária ou involuntariamente, deve ser evitado por parte dos educadores.

Finalmente, dentre as principais lições aprendidas pelos educadores está também a oposição aos episódios de homofobia velada em ocasiões de “aulões” pré-vestibular. É comum no final do ano de uma cidade como Santa Maria, dotada de variados cursos pré-vestibular (a maioria de caráter comercial), ver em fotos e vídeos em redes sociais alunos compartilhando cenas de “aulões” ministradas por seus professores para fins de revisão do conteúdo do Vestibular, dias antes deste ocorrer. Infelizmente, aparenta ter se tornado corriqueira a reprodução da “piada” do docente homem que se veste de mulher e, abusando de trejeitos, satiriza o homossexual e/ou o transexual. Apenas no mês de dezembro de 2013, dois cursos pré-vestibular compactuaram dessa prática criticável, a qual o PVP Alternativa opõe-se integralmente. É possível, e direito de cada docente, usar do humor e da irreverência como ferramenta pedagógica no fazer docente. Contudo, é inadmissível que esse humor suceda na forma de propagação de estereótipos preconceituosos, que atacam educandos e alunos de forma aberta ou tangencial. O educador pode, isso sim, através de “aulões”, contribuir para a inclusão das pessoas, para a equidade entre os gêneros e para o respeito à diversidade sexual.

Considerações finais

O preconceito inerente às questões de gênero ainda são uma realidade no Brasil, confirmadas por estudos e pesquisas de diversos setores (ver, por exemplo, Borges *et. al.* (2011)). Conforme discutem Dinis e Cavalcanti (2008, p.104), a “construção social de nossos preconceitos dá-se, muitas vezes, pela absoluta falta de novas informações no espaço educacional que problematizem nossas evidências, que desconstruam nossas



certezas”. De aí, pois, a necessidade de o PVP Alternativa, enquanto projeto de extensão que atende aspirantes ao ensino superior anualmente, zelar pela responsabilidade de (re)pensar-se e estudar continuamente, para contrastar pedagogicamente de forma efetiva dos ambientes educacionais que mantêm-se nas trevas do desconhecimento das questões de gênero e sexualidade. Para tanto, o apoio do Coletivo Voe é de importância ímpar. Para muitos educadores, mas principalmente para educandos, um maior entendimento das questões de sexualidade e gênero representou uma luz, um abrir de olhos para uma perspectiva de direitos sexuais e de gênero enquanto direitos humanos. Por conseguinte, tal perspectiva será levada por eles, de maneira mais ou menos acentuada, direta ou indiretamente, para seus respectivos cursos, ao adentrarem as instituições de ensino superior. As colocações apresentadas mostram a importância de fomentar mais atividades dessa natureza e a necessidade de avançar com a temática na educação através de mais políticas públicas nesse sentido; as colocações também evidenciam a necessidade de realizar, esporádica mas continuamente, mais parcerias entre o PVP Alternativa o Coletivo Voe futuramente.

Referências bibliográficas

- BORGES, Z. N.; PASSAMANI, G. R.; OHLWEILER, M. I.; BULSING, M. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil). *Educar em Revista*. n° 39, Curitiba. 2011, p. 21-38.
- DINIS, N. F.; CAVALCANTI, R. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.
- FINE, M. Sexualidad, educación y mujeres adolescentes: El discurso ausente del deseo. In: Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales. Disponível em <<http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/Fine.pdf>>. Acesso em janeiro de 2014.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- MAFFESOLI, M. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Rio de Janeiro, Record, 2004.
- MORGARDE, G.; RAMOS, G.; ROMÁN, C.; ZATTARA, S. Visiones de directivos/as y docentes. In: MORGARDE, Garciela (Org.). *Toda educación es sexual: hacia una educación sexual justa*. Buenos Aires: La Crujía. 2011. 208p.
- RÉ, F. C.; QUARTIERO, G.; ROSO, A. Escola sem homofobia: um objetivo a se alcançar. In: III Seminário Internacional de Gestão Educacional e VI Semana Acadêmica do Curso de Especialização em Gestão Educacional – UFSM. Anais... Santa Maria, Rio Grande do Sul. 2012.
- VIANNA, C.; RAMIRES, L. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. *Psicologia Política*. 2008, 345-362.